

**ALIMENTAÇÃO E PAREMIOLOGIA NO PORTUGAL MODERNO:
“O HÓSPEDE E O PEIXE AOS TRÊS DIAS FEDE”**

**FOOD AND PAREMIOLOGY IN MODERN PORTUGAL:
“THE GUEST AND THE FISH AT THREE DAYS STINK”**

ISABEL DRUMOND BRAGA

ibraga@campus.ul.pt

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

CIDEHUS-UE

<https://orcid.org/0000-0002-7035-6497>

Artigo submetido a 25-04-2018 e aprovado a 09-10-2018

Resumo

Partindo do *corpus* paremiológico português da Época Moderna, designadamente das compilações de provérbios de António Delicado (1651) e de Rafael Bluteau (1712-1728), o presente texto procura responder à questão como foi entendido e representado o peixe, nos seus sentidos literal e figurado, no discurso proverbial de então, tendo em conta que os alimentos, além de apresentarem qualidades nutricionais muito variadas, evidenciam valores simbólicos diferenciados, de tal modo que se verificou sempre uma hierarquia de consumos relacionada diretamente com a raridade e com o preço dos géneros, tornando claro que determinados gastos eram socialmente prestigiantes. Para o efeito, recolheram-se todos os provérbios contidos nas fontes referidas, analisaram-se tendo em conta o contexto português da Época Moderna e fizeram-se as comparações consideradas pertinentes.

O resultado da investigação traduziu-se numa abordagem inovadora aos provérbios como fonte histórica, demonstrando que a escolha e a utilização do peixe, como de qualquer outro alimento, traduzem recursos naturais disponíveis, poder económico e práticas identitárias da sociedade portuguesa da Época Moderna. Neste sentido, o peixe esteve associado aos hábitos alimentares que fizeram parte

de um sistema cultural repleto de símbolos e significados capazes de determinar o quê, quando e como um produto era tornado ou não comestível.

Palavras-chave: Peixe; provérbios; Rafael Bluteau; António Delicado

Abstract

The present paper aims to answer the question, how fish was understood and represented, in its literal and figurative senses, in the Portuguese proverbs corpus of the Modern Age, namely in the compilations of Antonio Delicado (1651) and Rafael Bluteau (1712-1728). The foods presents several nutritional qualities and also symbolic values, in such a way that there was always a hierarchy of consumptions related directly to the rarity and the price of the foods, making clear that certain expenditures were socially prestigious. For this purpose, all the proverbs contained in the mentioned sources were collected, analyzed, taking into account the Portuguese context of the Modern Age. Some comparisons considered pertinent were done.

The result of the research was an innovative approach to proverbs as a historical source, demonstrating that the choice and use of fish, like any other food, evidences available natural resources, economic power and identity practices of the Portuguese society of the Modern Age. In this sense, fish was associated with eating habits that were part of a cultural system plenty of symbols and meanings capable of determining what, when and how a product was made or not eatable.

Keywords: Fish; proverbs; Rafael Bluteau; António Delicado

1. Os provérbios como fontes históricas: génese e praxis

A utilização dos provérbios portugueses como fontes históricas vai tendo cultores, pensemos nos trabalhos já realizados sobre a vinha e o vinho¹, a dieta dita mediterrânica², a alimentação em geral³, os diversos povos⁴, as questões de género⁵, a meteorologia⁶, de entre outros temas. Não obstante, têm sido de outro âmbito, designadamente da literatura e da linguística, a maior parte dos estudos produzidos, os quais não deixam de apresentar contributos relevantes para áreas distintas.

¹ Viana 1993, Chacoto 2013.

² Chacoto 2014.

³ Russo 2015.

⁴ Braga 2002.

⁵ Costa 1987, Barrocas 1988, Maciel 1999, Braga, Mourão 2015.

⁶ Chacoto 2011.

Os provérbios⁷, enquanto elementos da cultura popular, são relativamente atemporais no sentido em que aparecem como o resultado da antiga sabedoria, impondo-se, por isso, como argumento de autoridade, veiculando aceções tidas como verdadeiras para diferentes tempos e espaços, não obstante remeterem mais para o passado do que para o comportamento futuro⁸. Podem assumir a função de apresentar admoestações, conselhos, críticas, doutrinas, informações e regras práticas e caracterizam-se, de entre outros aspetos, por se apresentarem no tempo presente, expressando verdades sempre válidas⁹. Descrevem estados de coisas gerais, não admitindo leituras episódicas só compreensíveis num espaço ou num tempo. No entanto, se uns suscitam uma interpretação literal, outros desencadeiam a necessidade de uma interpretação figurada¹⁰. São textos curtos, com uma estrutura concisa, anónimos, ou melhor, da autoria da respetiva comunidade linguística e cultural, os quais fazem circular uma experiência coletiva¹¹, o que não impede a semelhança de provérbios da autoria de comunidades diferentes¹².

A paremiologia detém um acervo informativo privilegiado do senso comum, pelo que se pode considerar interlocutora diletta no estudo das mentalidades, que formatam os quotidianos de cada época e de cada lugar. Em poucas palavras, aparecem-nos sistematizadas ideias que se quer sejam grandes verdades. José Pedro Machado captou lapidarmente esta realidade ao escrever: “As máximas são como os algarismos que compreendem grandes valores em poucas letras”¹³. Com efeito, os provérbios portugueses, tal como os de qualquer outro espaço, constituem um património edificado a partir da dinâmica e da essência do seu coletivo, ao longo de gerações, pelo que é intrínseco o seu valor informativo.

Os provérbios, apesar de eventual origem erudita, acabaram por ser consagrados e preservados pelos grupos populares, principalmente através da transmissão e da divulgação oral, ao longo de gerações. Encerram conhecimentos milenares feitos de experiência acumulada e seduzem pela acutilância, pedagogia, beleza das suas metáforas, muitas vezes impregnadas de humor e duplos sentidos. A sua origem perde-se no tempo. A própria

⁷ Nos parágrafos seguintes, retoma-se o que já se escreveu. Cf. Braga, Mourão 2015.

⁸ Mattoso 1987, Costa 1987, Lopes 1992, Viana 1993, Braga 2002.

⁹ Schmidt-Radefeldt 1984: 216.

¹⁰ Lopes 1992: 21.

¹¹ Schmidt-Radefeldt 1984: 213.

¹² Ghitescu 1991, Funk 2000, Chacoto 2011.

¹³ Machado 1998: 95.

Bíblia admite a existência de paralelismos doutrinários com a literatura afim, proveniente de outras civilizações, em especial com as do Crescente Fértil¹⁴, o que atesta a sua importância e o seu aproveitamento pelos mais diversos quadrantes. Daí a sua universalidade e omnipresença nos mais diversos contextos civilizacionais.

O Cristianismo Medieval português deu algum contributo na preservação deste legado, apesar da sua utilização antes do século XV, praticamente se restringir ao clero. Desse tempo, foram contabilizadas cinquenta fórmulas proverbiais, por José Mattoso¹⁵. Teófilo Braga, num artigo da *Revista Lusitana*, divulgou diversos anexins coligidos de fontes dos séculos XIII a XVI, destacando: o *Cancioneiro da Vaticana*, o *Livro de Monteria*, de D. João I; o *Leal Conselheiro*, de D. Duarte; o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende; os *Refranes*, do Marquês de Santillana, e ainda as três peças, *Ulyssipo*, *Eufrosina e Auleografia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, além de textos em poesia e em prosa de Gil Vicente, de Gonçalo Fernandes Trancoso, de Ribeiro Chiado, de Sá de Miranda, etc.¹⁶. Contudo, foi só com a literatura seiscentista e setecentista que essa preservação e divulgação se iniciaram de forma consistente, quando alguns autores começaram a dedicar obras a este assunto, designadamente: a *Filosofia Moral de alguns Provérbios*, 1640, de frei Aleixo de Santo António¹⁷; os *Adágios Portugueses reduzidos a Lugares Comuns*, de António Delicado, em 1651 (obra reeditada por Luís Chaves em 1923); o *Florilegio dos Modos de fallar e Adágios da Lingua Portuguesa*, de Bento Pereira, de 1655 (com posteriores edições inseridas na *Prosodia*); o *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Rafael Bluteau, 1712-1728, o qual contemplou os adágios e provérbios portugueses que, mais tarde, em 1780, constituíram a principal fonte da coletânea de Francisco Rolland, intitulada *Adágios, Provérbios, Rifãos, e Anexins da Lingua Portugueza, Tirados dos melhores Autores Nacionaes, e recopilados por ordem Alfabética por F. R. I. L.*¹⁸, e tantos outros. Posteriormente, os autores do Romantismo, ao valorizarem a cultura tradicional, pugnaram pela sua popularização e divulgação, como foi o caso de Francisco António da Cunha de Pina Manique, com a obra *Ensaio Phraseologico, ou Collecção de Phrases Metaphoricas, Elegancias*,

¹⁴ *Bíblia Sagrada* 1974: 598-624.

¹⁵ Mattoso 1987: 6.

¹⁶ Braga 1914, Delicado 1923.

¹⁷ Vasconcelos 1986: 30.

¹⁸ Delicado 1923:18.

Idiotismos, Sentenças, Proverbios e Annexins da Lingua Portugueza, publicada em Lisboa, no ano de 1856.

Não obstante, os provérbios têm sido bastante negligenciados enquanto objeto de estudos aprofundados. Se, como acabámos de verificar, a primeira compilação de provérbios portugueses é a obra de António Delicado, publicada em meados do século XVII, D. frei Rafael Bluteau, no início do século seguinte, apresentou, em muitas entradas do seu *Vocabulario*, diversos provérbios relativos à temática em estudo. Entre as suas fontes encontra-se o próprio António Delicado, no entanto, integrou outros provérbios que, entretanto, conseguiu arrolar.

Do padre António Delicado pouco se sabe. Foi presbítero secular e prior da igreja paroquial de Nossa Senhora da Caridade, em Évora. Nasceu, provavelmente, em 1641, em Alvito, mas nada consta sobre a data do seu falecimento. Já sobre D. frei Rafael Bluteau, as informações são muito abundantes. Viveu em Portugal 56 anos, a maioria dos quais nas Cortes de D. Pedro II e de D. João V. Nascido em Inglaterra mas originário de uma família francesa, este teatino (religioso da Divina Providência ou caetano), conhecido especialmente em resultado da sua obra referida o *Vocabulario Portuguez e Latino*, foi alguém dado a uma intensa atividade académica, alguma ligada às preocupações inerentes à produção do dicionário e outra à margem desse trabalho. Além disso, foi um pregador apreciado e, desde 1676, qualificador do Santo Ofício, ocupação que desempenhou com particular cuidado e esmero, ao mesmo tempo que não deixou de “trabalhar pela causa francesa”, contra a facção espanhola no Portugal de D. Pedro II e de D. João V. A sua ação esteve ainda ligada ao movimento de renovação cultural e económica contemporânea do chamado primeiro surto industrial português¹⁹.

Os *Adágios Portuguezes reduzidos a lugares communs*, de António Delicado, integraram um extenso reportório de enunciados proverbiais, mais de 3600, agrupados por 59 temas e ordenados alfabeticamente, cujo fundamento, o autor esclareceu, acrescentando que só incluiu os provérbios que não atentavam a “decência e a utilidade publica”²⁰:

“Os Adágios são as mais approvadas sentenças que a experiência achou nas acções humanas, ditas em breves e elegantes palavras. Compreende esta doutrina não só as coisas moraes, mas todas as artes e sciencias; e por isso,

¹⁹ Braga 2005: 10-82.

²⁰ Delicado 1923: 70.

em mais das nações, procuram Auctores graves pô-las em memória e escrever d'ellas, como foram, entre os antigos, os philosophos Aristóteles, Crisippo, Plutarcho, Aristides, Theophrasto, e sobre todos todos El-Rei Salomão, que, entre os seus livros sapienciaes, nos deixou os dos Provérbios que é um dos Canónicos da sagrada Escriptura [...]. Pelo que, vendo eu que, sendo a lingua portuguesa não menos abundantes d'estas sentenças que todas as outras da Europa, me dispús a colligir de vários exemplares esta pequena obra”²¹.

Convém sublinhar o facto da sinonímia proverbial ser abrangente, incluindo designações como: adágio, máxima, ditado, anexim, rifão, sentença, ditado, etc., mormente alguns especialistas discordarem da unicidade sinonímica, o que se verifica desde o século XVII. O próprio António Delicado referiu-se à questão alegando: “Também conheço as dúvidas que há sobre a verdadeira definição dos Adágios, na qual differem os Auctores, segundo várias opiniões, porque como os nascimentos dos Provérbios sejam muitos, não pode uma definição compreender a todos”²². Não é propósito, da presente exposição, aprofundar este assunto, tendo ainda em presença que os dicionaristas da época contemplaram sinonimicamente os vocábulos “adágio” e “provérbio”²³.

Atualmente, os provérbios continuam a seduzir, sobretudo pelo enunciado da ideia, já que refletem experiências de vida e outros aspetos do senso comum. São, pois, um veículo da cosmovisão do coletivo. Além disso, a unidade proverbial pode figurar em contextos diferentes sem, no entanto, perder o seu substrato ideológico. Compete ao utilizador referenciá-la adequadamente. A tipologia proverbial tem carácter dicotómico, ou seja: provérbios do tipo descritivo e provérbios do tipo normativo. No primeiro caso, pense-se, por exemplo em “Sáveis por São Marcos enchem os barcos”, “Quem pesca um peixe pescador é”, e, no segundo, em provérbios como “Enguia em empada, lampreia em escabeche” ou “Do peixe, a pescada, da carne a perdiz”.

2. A paremiologia e o consumo piscícola no Portugal Moderno

Explicitado o percurso histórico dos provérbios, designadamente a génese e a praxis, importa agora dimensionar as estruturas representativas do consumo de peixe na Idade Moderna, através do repertório proverbial

²¹ Delicado 1923: 69.

²² Delicado 1923: 70.

²³ Cardoso 1613: 4v, Bluteau 1720: 804.

português, resgatando conceitos e preconceitos do imagético coletivo sobre este alimento, tendo em mente a omnipresença do peixe na alimentação quotidiana da população portuguesa. O reino, enquanto espaço marítimo com uma longa costa, esteve sempre vocacionado para a pesca, consumo e pontual exportação de diversas espécies piscícolas. A esta realidade há que juntar duas outras igualmente não negligenciáveis, embora com importância diferenciada ao longo dos tempos, a pescaria fluvial que facilitou o abastecimento de algumas zonas do interior do país, e a pesca em águas internacionais, em especial na costa norte-africana e no Atlântico Norte.

Ao longo da Época Moderna, a atividade piscatória não só assegurou rendimentos não negligenciáveis quer para a Coroa quer para particulares que tinham privilégio de exploração de determinadas zonas fluviais – não obstante os povos defenderem que os rios não deveriam ser coutados – como também permitiu que o pescado entrasse nos foros de determinados contratos agrários. Não obstante, a importação de peixe também aconteceu, acentuando-se no século XVIII, em especial no que se refere à importação de bacalhau²⁴. Em 1620, frei Nicolau de Oliveira enalteceu o abastecimento piscícola da cidade, dando conta das espécies:

“a abundância de peixe pode ver-se pelas muitas embarcações de Alfama, Cascais, Sesimbra, Setúbal, Peniche e Ericeira, que quase todos os dias entram carregadas de peixe de todas as espécies. Além de muitos barcos pequenos, muletas, que continuamente pescam no rio, e apanham grandes linguados, azevias (peixe que só se acha neste rio), congros, corvinas, muges e tainhas, xarrosos (peixe tão leve que se dá aos doentes), gostosos pampos, salmonetes, lagostas e lagostins, grande quantidade de camarões grandes e pequenos. Ainda variedade de peixe menos apreciado; e muito marisco: santolas, amêijoas, berbigões, ligueirões, ostras, mexilhões e caramujos. Não referi ainda a grande porção de sardinha que morre aqui no rio: sendo em grande quantidade, é muito pouca em comparação com a que se traz da Costa – para onde já vi sair, numa maré, cento e doze barcos para a pesca”²⁵.

Poucos anos antes, Duarte Nunes de Leão traçou um quadro da atividade piscícola do Reino, salientando irezes, sáveis e solhos do Guadiana; azevias, cações, corvinas, linguados, sáveis, solhos e tainhas do Tejo; eiroses, lampreias, linguados, relhos, salmões, sáveis e trutas dos rios Ave, Cávado,

²⁴ Braga 2015: 35-85.

²⁵ Oliveira 1991: 564.

Douro, Leça, Lima, Minho, Mondego, Neiva e Vouga e trutas – peixe de água doce – obtidas nas terras da Beira e de Entre Douro e Minho. A pesca marítima foi ainda considerada, tendo merecido destaque besugos, chernes, linguados, salmonetes, sargos, pescadas, peixes-agulha, rodovalhos, sardas e sardinhas de Setúbal e atum do Algarve, além de cações, corvinas, linguados, lixas, pescadas, polvos e raias de Aveiro, Buarcos, Cascais, Pederneira e Peniche²⁶.

A abundância e a diversidade das espécies ictiológicas permitiam que o peixe fosse um dos alimentos presente na dieta alimentar de ricos e pobres, tanto mais que, os dias de jejum e abstinência prescritos pela Igreja eram em número elevado²⁷, o que permite salientar a influência daquela instituição no consumo das populações, com visibilidade em provérbios como “Comer truta ou jejuar”. Por outro lado, não esqueçamos, que o peixe ocupou um lugar de relevo no regime alimentar das comunidades monásticas, um pouco por todo o lado e até em alguns dias de festa. Recorde-se que a renúncia era entendida como um instrumento de mortificação mas que privação não significa ausência. Por outro lado, a abstinência de certos alimentos tinha uma relação direta com a desejada continência sexual. A gula e o sexo aparecem como os dois prazeres corporais por excelência. Logo, de acordo com os entendimentos dietéticos da época, uma alimentação fria e seca inibia a prática sexual, a qual era estimulada por alimentos quentes e húmidos²⁸.

O levantamento dos provérbios sobre peixe nas duas fontes em estudo permitiu-nos encontrar 101 unidades, mas apenas 63 ocorrências diferentes, 38 das quais comuns aos dois autores, 15 presentes apenas em António Delicado e 10 registadas somente por Rafael Bluteau.

Quadro I

Número de provérbios sobre peixe em António Delicado e em Rafael Bluteau

Espécies	Delicado	Bluteau	Total	Em Comum
Barbo	2	0	2	0
Besugo	2	3	5	2
Boga	2	1	3	1
Enguia	1	0	1	0
Lampreia	1	0	1	0

²⁶ Leão 2002: 195-197.

²⁷ Braga 2015: 49-64.

²⁸ Montanari 2012: 196-197.

Pescada	3	2	5	2
Salmonete / Salmonejo	1	1	2	1
Salmão	1	1	2	1
Sardinha	9	11	20	9
Sável	3	1	4	1
Truta	5	5	10	5
Peixe em geral	12	18	30	11
Aspetos associados	11	5	16	5
Total	53	48	101	38

Se tivermos em conta uma distribuição pelos meses do ano, pode verificar-se que apenas oito meses foram referenciados nos provérbios: janeiro, fevereiro, abril, maio, agosto, outubro, novembro e dezembro, totalizando 18 ocorrências, destacando-se o mês de maio, com cinco. No entanto, em alguns casos, o mesmo provérbio foi aplicável a vários meses. Por outro lado, a maioria das referências apareceu com uma conotação negativa, isto é, associando um determinado mês a uma má opção de consumo: vejam-se os casos de: “A castanha e o besugo em janeiro não têm sumo”, “Quem quiser mal à sua vizinha, dê-lhe em maio uma sardinha”. Em sentido contrário, destaque-se “A pescada de janeiro vale carneiro” ou “Em agosto sardinhas e mosto”.

Quadro II
 Distribuição dos provérbios pelos meses do ano

Meses	Provérbios	N.º
Janeiro	A pescada em janeiro vale carneiro A castanha e o besugo em janeiro não têm sumo	2
Fevereiro	A castanha e o besugo em fevereiro não têm sumo	1
Março	-	0
Abril	Por São Marcos [25 abril], bogas a sacos Sáveis por São Marcos [25 de abril], encham os barcos	2
Maio	A quem em maio come sardinha, em agosto lhe pica a espinha Peixe em maio, quem to pedir, dá-lho Quem quiser mal à sua vizinha, dê-lhe em maio uma sardinha Sáveis em maio, maleitas de todo o ano Touro, galo e barbo todos têm sezão em maio	5
Junho	-	0
Julho	-	0

Agosto	A quem em maio come sardinha, em agosto lhe pica a espinha Em agosto, sardinhas e mosto	2
Setembro	-	0
Outubro	Outubro, novembro e dezembro não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro Outubro, novembro e dezembro, não busques o pão no mar	2
Novembro	Outubro, novembro e dezembro não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro Outubro, novembro e dezembro, não busques o pão no mar	2
Dezembro	Outubro, novembro e dezembro não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro Outubro, novembro e dezembro, não busques o pão no mar	2
Total		18

Salientem-se os provérbios em que os meses do ano não foram indicados de forma explícita mas em que se referem dias de santos, pois o calendário litúrgico é igualmente relevante nesta análise. O que significa, no caso em apreço, referir o mês de abril, e concretamente o dia 25, festa de São Marcos, o apóstolo, mártir e patriarca de Alexandria (século I d.C.)²⁹, com dois provérbios diferentes: “Por São Marcos bogas a sacos” e “Sáveis por São Marcos, enchem os barcos”.

Confronte-se o discurso proverbial com o discurso culinário e refira-se o primeiro receituário impresso em Portugal. Efetivamente, em 1680, Domingos Rodrigues publicou a *Arte de Cozinha*, obra que contou com sucessivas edições nos séculos seguintes³⁰. Este autor, cozinheiro do futuro D. Pedro II, dissertou acerca das épocas em que cada espécie piscícola era melhor, permitindo verificar que o discurso da paremiologia não coincidiu cabalmente com o deste cozinheiro, em concreto, relativamente às melhores épocas de consumo de bogas, pescadas e sardinhas:

“os linguados do rio, azevias, rodovalhos, cabras e pescadas, são sempre bons todo o ano, e as lampreias no tempo em que as há. Porém sáveis, gorazes, cachuchos, robalos, bogas e tamboril, são em janeiro, fevereiro e março. Congros, sargos, abróteas, e eirós, em todo o tempo de janeiro até setembro. Cibas [isto é, chocos] e cações, de fevereiro até ao fim de maio. Pargos, douradas, fanecas e sardas, de abril até outubro. Corvinas só em

²⁹ Baptista 1588: 105, Cardoso II, 1657: 706-707.

³⁰ Braga 2017.

maio e junho. Chernes, tainhas e carapaus, em junho e agosto. Salmonetes, besugos e choupas em agosto, setembro e outubro. Sardinhas e raias, em novembro e dezembro”³¹.

Advertências e informações estiveram presentes em provérbios que relacionaram o consumo de peixe pelos meses do ano, segundo a dicotomia favorável e desfavorável. Neste sentido, encontram-se alguns que revelam fatores ou ditames negativos ou desapropriados aos cânones vigentes e outros cujo teor indicia aspetos ou atributos de pendor adequado ao consumo de peixe ou de determinada espécie. Fora do calendário, esses mesmos aspetos estão presentes suscitando quer uma interpretação literal quer uma interpretação metafórica.

Quadro III

Provérbios de sentidos favorável e desfavorável relativos ao peixe

Provérbios Favoráveis	Provérbios Desfavoráveis
A pescada em janeiro vale carneiro.	A castanha e o besugo em janeiro não têm sumo.
As vezes custa mais o salmonejo, que o coelho.	A quem em maio come sardinha, em agosto lhe pica a espinha.
Boa é a truta, bom o salmão, bom é o sável, quando é de estação.	Assi fedemos, que fará se peixe vendermos?
De grande rio, grande peixe.	Cada dia peixe, amarga o caldo.
Do peixe a pescada, da carne a perdiz.	Comer truta, ou jejuar.
Em agosto, sardinhas e mosto.	Deitai outra sardinha, que outro ruim vem da vinha.
O nabo e o peixe debaixo da geada cresce.	Depois de peixe, mau é o leite.
Por São Marcos [25 abril], bogas a sacos.	Em cada casa comem favas e na nossa às caldeiradas.
Quão grande o peixe, tão grande o sabor.	Em tua casa não tens sardinha, e na alheia pedes galinha.
Quando o trigo é louro, é o barbo como touro.	Nem cada dia rabo de sardinha.
Sáveis por São Marcos [25 de abril], enchem os barcos.	O hóspede e o peixe aos três dias fedem.
	O que sardinha quer é picar e beber.
	Outubro, novembro e dezembro não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro.
	Outubro, novembro e dezembro, não busques o pão no mar.
	Peixe de maio, quem to pedir, da lho.

³¹ Rodrigues 2017.

	Pela boca morre o peixe, e a lebre ao dente.
	Quem pesca hum peixe, pescador é.
	Quem quiser mal à sua vizinha, dê-lhe em maio uma sardinha.
	Sáveis em maio, maleitas de todo o ano.
	Todo o pescado é freima, e todo o jogo postema.
	Touro, galo e barbo todos têm sezão em maio.
	Velho, que não adivinha, não vale uma sardinha.

Tal como outros géneros, os peixes conheciam uma hierarquia que se traduzia no preço e, conseqüentemente, na possibilidade de aquisição de algumas espécies só por parte dos mais abastados. Se a sardinha e o bacalhau eram habitualmente entendidos como o alimento dos pobres – no primeiro caso, atente-se em “Em tua casa não tens sardinha e na alheia pedes galinha” ou em “Velho que não adivinha não vale uma sardinha” – já por exemplo, a lampreia, o linguado e o salmonete eram só para algumas bolsas. No entanto, no discurso paremiológico desta época, se a sardinha foi o peixe mais referenciado com 11 ocorrências, o bacalhau esteve completamente ausente, apesar de ser de consumo corrente e de até já ter sido objeto de representação em contexto culinário numa natureza morta de Josefa de Ayala. Em sentido oposto, a lampreia foi apenas referida uma vez, numa alusão ao modo de a preparar: “Enguia em empada e lampreia em escabeche”, enquanto a referência ao salmonete atentou no preço: “Às vezes custa mais o salmonete do que o coelho”. Igualmente apreciada e, por vezes cara, era a pescada: “A pescada em janeiro vale carneiro” e “Do peixe a pescada, da carne a perdiz”. Se atualmente, em Portugal, uma boa parte das espécies piscícolas são mais caras do que as carnes, nesta época, equiparar o preço de um peixe a alguma peça de carne, refletia inequivocamente o apreço e o custo elevado.

Como já se aludiu, o provérbio é um texto breve, anónimo, institucionalizado e que compagina assunções comumente aceites como verdadeiras, pelo que subsiste como um elemento didático e doutrinário, na medida em que funciona como “mensageiro” do substrato axiológico do coletivo. Importa reiterar que o seu enunciado pode funcionar isoladamente, por exemplo, em antologias, dicionários, inscrições, etc. ou interactivamente, ou seja, em diálogos, narrativas, discursos, sermões, etc. Neste caso, as inferências produzidas decorrem da unidade em si, isto é, sem contextualização.

A maioria dos provérbios denota aspetos ou normas da esfera quotidiana, sobretudo no domínio das relações interpessoais, das hierarquias no seio familiar e da casa, do que é ou não convencional em matéria de comportamento, da aparência, etc. Como já foi mencionado, procurou agilizar-se o processo analítico, com recurso à distribuição das ocorrências proverbiais por dois itens: “favorável”, “desfavorável”, dando-se conta que a maioria dos enunciados sancionou ou referenciou os aspetos que não eram modelares, através do burlesco, da censura, da ironia, da comparação, etc., daí o item “não favorável” albergar uma significativa parcela de ocorrências, principalmente as que dizem respeito à monotonia do consumo – “Nem cada dia rabo de sardinha” ou “Cada dia peixe, amarga o caldo” –, à perecibilidade – “Ao peixe fresco gasta-o cedo, e havendo tua filha crescido, dá-lhe marido” – ao preço elevado ou baixo conforme as espécies – “Com uma sardinha, comprar uma truta”, “Truta cara não e sã”, “A pescada de janeiro vale carneiro” –, à falta de qualidade – “Todo o peixe é freima [escarro] e todo o jogo apostema” –, ao odor – “O hóspede e o peixe aos três dias fede” ou “Assim fedemos, que fará se peixe vendermos?” –, à empáfia – “Em tua casa não tens sardinha e na alheia pedes galinha”, “Em cada casa comem favas e na nossa às caldeiradas” –, e à tagarelice – “Pela boca morre o peixe, e a lebre ao dente”. Em sentido contrário, encontram-se provérbios cujas mensagens são de carácter valorativo, invocando a abundância – “Por são marcos bogas a sacos” ou “Sáveis por são Marcos, enchem os barcos” –, a resistência – “O nabo e o peixe debaixo da geada cresce” – e a qualidade – “Quão grande o peixe, tão grande o sabor”. Assinale-se, finalmente, a concomitância de alguns enunciados, assim como a ambiguidade de outros, em casos tais como, por exemplo: “Não é peixe podre”, “Não é peixe nem carne”, “Não vai mal à face onde espinha carnal nasce” ou ainda “A espinha quando nasce leva o pico diante”.

Outros provérbios perpassam informações e alvitram conselhos, com o intuito de elucidar como, que parte e quando se deve consumir o peixe, tais são os casos do já referido: “Enguia em empada, lampreia em escabeche”, “De pescada a rabada” ou “A cabeça de besugo come o sesudo, e a da boga dá à tua sogra” e “Quando o trigo é louro, é o barbo como touro” ou “Em agosto sardinhas e mosto”, respetivamente. A escolha dentro do mesmo género é também evidente em “Da mulher e da sardinha, a mais pequenina”. Porém, “Quão grande o peixe, tão grande o sabor”, apresenta um sentido contrário, embora não refira a espécie. A ordem dos pratos foi evidenciada em “Depois do peixe, mau é o leite”.

Alguns provérbios podem ser agrupados num outro item, “não aplicável”. Neste caso, optou-se por incluir as ocorrências que suscitam dúvidas interpretativas, as que não apresentam indicadores inequivocamente positivos ou negativos – “Nem de cada malha peixe, nem de cada mata feixe”, “Quem pesca um peixe, pescador é”, “Quem quer pescar há de se molhar” ou “Não se ganham trutas às bragas enxutas” – e as que revelam um cariz monológico, tais como “Estou como peixe na água”. Contudo, algumas ilustram condutas convencionais, formulam avisos e outras considerações, como se pode avaliar pela amostra que se segue: “A mulher mesquinha, detrás do lar acha a espinha”, “Coxo e não de espinha, calvo e não de tinha”, “Não vai mal à face onde espinha carnal nasce”, “O velho e o peixe ao sol aparecem”.

Apesar das asserções proverbiais serem cumulativamente atemporais e universais, logo unidades cristalizadas, são, igualmente, passíveis de adequação ao contexto. Ou seja, o seu valor semântico é fixo, a contextualização é que pode ser diferenciada. Além disso, a sua tipologia: descritiva ou normativa; a sua estrutura frásica: literal ou metafórica, são especificidades adicionais, que concorrem para essa dificuldade. Com base nas considerações já explicitadas, dá-se conta que a imagem do peixe é abrangente, apresentando paradigmas que lhe conferem um estatuto inferior, relativamente a outros alimentos. Neste sentido, as espécies conotadas negativamente foram barbo, boga, sardinha e truta e, em sentido contrário, barbo, besugo, enguia, lampreia, pescada, salmonete, salmão, sável e truta. Isto é, em alguns casos a mesma espécie apresentou as duas valências e, não obstante a maior parte das espécies arroladas ter um pendor positivo, a maior parte dos provérbios apresentou um carácter depreciativo, quer quando se analisam as espécies piscícolas, quer o peixe em geral, quer ainda os aspetos que lhe são associados. Finalmente, importa reforçar que outros indicadores foram referenciados: a ligação do consumo de peixe às diferentes épocas do ano, aos dias de jejum e de abstinência, ao modo de preparar os pratos e à relação entre a ingestão de peixe e a saúde.

A escolha e a utilização do peixe, como de qualquer outro alimento, traduzem recursos naturais disponíveis, poder económico e práticas identitárias da sociedade portuguesa da Época Moderna. Neste sentido, o peixe esteve associado aos hábitos alimentares que fizeram parte de um sistema cultural repleto de símbolos e significados capazes de determinar o quê, quando e como um produto era tornado ou não comestível. O discurso paremiológico refletiu cabalmente essas realidades.

Anexo

O Peixe nos Provérbios compilados por António Delicado e por Rafael Bluteau

Tipologia	Provérbios	Fontes
Espécies Piscícolas		
Barbo	1. Quando o trigo é louro, é o barbo como touro.	Delicado 1923: 84.
	2. Touro, galo e barbo, todos têm sezão em maio.	Delicado 1923: 205
Besugo	3. A cabeça do besugo come o sesudo, e da boga dá a tua sogra.	Delicado 1923: 137. Bluteau 8, 1721: 460.
	4. A castanha e o besugo, em fevereiro não têm sumo.	Delicado 1923: 196. Bluteau 8, 1721: 460.
	5. <i>Como te conheço besugo, e ele era caranguejo.</i>	Bluteau 8, 1721: 460.
Boga	6. A cabeça do besugo come o sesudo, e da boga dá a tua sogra.	Delicado 1923: 137. Bluteau 8, 1721: 460.
	7. Por São Marcos, bogas a sacos.	Delicado 1923: 227.
Enguia	8. Enguia em empada, lampreia em escabeche.	Delicado 1923: 200.
Lampreia	9. Enguia em empada, lampreia em escabeche.	Delicado 1923: 200.
Pescada	10. A pescada de janeiro vale carneiro.	Delicado 1923: 227. Bluteau 6, 1720: 461.
	11. De pescada, a rabada.	Delicado 1923: 199.
	12. Do peixe a pescada, da carne a perdiz.	Delicado 1923: 199. Bluteau 6, 1720: 461.
Salmonete/ Salmorejo	13. As vezes custa mais o salmonejo, que o coelho.	Delicado 1923: 138. Bluteau 7, 1720: 499.
Salmão	14. Boa é a truta, bom o salmão, bom é o sável, quando é de estação.	Delicado 1923: 138. Bluteau 8, 1721: 317.
Sardinha	15. A quem em maio come sardinha, em agosto lhe pica a espinha.	Delicado 1923: 197. Bluteau 7, 1720: 499.
	16. Cada um chega a brasa à sua sardinha.	Delicado 1923: 237. Bluteau 7, 1720: 499.
	17. Com uma sardinha comprar uma truta.	Delicado 1923: 227. Bluteau 7, 1720: 499.
	18. Da mulher e da sardinha, a mais pequenina.	Delicado 1923: 214. Bluteau 7, 1720: 499.
	19. Deitai outra sardinha, que outro ruim vem da vinha.	Delicado 1923: 234. Bluteau 7, 1720: 499.
	20. Em agosto sardinhas e mosto.	Delicado 1923: 79. Bluteau 7, 1720: 499.
	21. Em tua casa não tens sardinha, e na alheia pedes galinha.	Delicado 1923: 133. Bluteau 7, 1720: 499.
	22. <i>Nem cada dia rabo de sardinha.</i>	Bluteau 7, 1720: 499.
	23. O que sardinha quer é picar e beber.	Delicado 1923: 126. Bluteau 7, 1720: 499.

Tipologia	Provérbios	Fontes
	24. Quem quiser mal à sua vizinha, dê-lhe em maio uma sardinha.	Delicado 1923: 128. Bluteau 7, 1720: 499.
	25. <i>Velho que não adivinha, não vale uma sardinha.</i>	Bluteau 7, 1720: 499.
Sável	26. Boa é a truta, bom o salmão, bom é o sável, quando é da estação.	Delicado 1923: 138. Bluteau 8, 1721: 317.
	27. Sáveis de maio, maleitas de todo o ano.	Delicado 1923: 228.
	28. Sáveis por São Marcos, enchem os barcos.	Delicado 1923: 228.
Truta	29. Boa é a truta, bom o salmão, bom é o sável, quando é da estação.	Delicado 1923: 138. Bluteau 8, 1721: 317.
	30. Com uma sardinha comprar uma truta.	Delicado 1923: 227. Bluteau 8, 1721: 317.
	31. Comer truta, ou jejuar.	Delicado 1923: 198. Bluteau 8, 1721: 317.
	32. Não se ganham trutas, às bragas enxutas.	Delicado 1923: 107. Bluteau 8, 1721: 317.
	33. Truta, cara não, e sã.	Delicado 1923: 129. Bluteau 8, 1721: 317.
Peixe em Geral		
	34. Ao peixe fresco gasta o cedo e havendo tua filha crescido, dá-lhe marido.	Delicado 1923: 235. Bluteau 6, 1720: 374.
	35. <i>Assi fedemos, que fará se peixe vendermos?</i>	Bluteau 6, 1720: 374.
	36. Cada dia peixe, amarga o caldo.	Delicado 1923: 122.
	37. De grande rio, grande peixe.	Delicado 1923: 238. Bluteau 6, 1720: 374.
	38. Depois de peixe, mau é o leite.	Delicado 1923: 199. Bluteau 6, 1720: 374.
	39. <i>Estou como o peixe na água.</i>	Bluteau 6, 1720: 374.
	40. <i>Filho de peixe, não aprende a nadar.</i>	Bluteau 6, 1720: 374.
	41. <i>Não é peixe padre.</i>	Bluteau 6, 1720: 374.
	42. <i>Não é peixe, nem carne.</i>	Bluteau 6, 1720, 374.
	43. Nem de cada malha peixe, nem de quada mata feixe.	Delicado 1923: 107. Bluteau 6, 1720: 374.
	44. O hóspede, e o peixe aos três dias fedem.	Delicado 1923: 109. Bluteau 6, 1720: 374.
	45. O nabo e o peixe debaixo da geada crescem.	Delicado 1923: 83. Bluteau 6, 1720: 374.
	46. <i>O peixe e o cochino, a vida em água, e a morte em vinho.</i>	Bluteau 6, 1720: 374.
	47. O velho e o peixe, ao sol aparecem.	Delicado 1923: 203. Bluteau 6, 1720: 374.
	48. Peixe de maio, quem to pedir, dá-lho.	Delicado 1923: 227. Bluteau 6, 1720: 374.

Tipologia	Provérbios	Fontes
	49. Pela boca morre o peixe, e a lebre ao dente.	Delicado 1923: 227. Bluteau 6, 1720: 374.
	50. Quão grande o peixe, tão grande o sabor.	Delicado 1923: 228. Bluteau 6, 1720: 462.
	51. Quem pesca hum peixe, pescador é.	Delicado 1923: 228. Bluteau 6, 1720: 462.
	52. <i>Todo o pescado é freima, e todo o jogo apostema.</i>	Bluteau 6, 1720: 461.
Aspetos Associados		
	53. A espinha, quando nasce, leva o pico diante.	Delicado 1923: 168.
	54. A mulher mesquinha, detrás do lar acha a espinha.	Delicado 1923: 212.
	55. Coxo e não de espinha, calvo e não de tinha.	Delicado 1923:198.
	56. Em cada casa comem favas e na nossa às caldeiradas.	Delicado 1923:123.
	57. Não vai mal à face, onde espinha carnal nasce.	Delicado 1923: 201. Bluteau 3, 1712: 278.
	58. O cevo é o que engana, que não o pescador, que tem a cana.	Delicado, 1923: 107. Bluteau 6, 1720: 461.
	59. Outubro, Novembro, Dezembro, não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro, & abre teu mealheiro.	Delicado 1923: 269. Bluteau 1, 1712: 214.
	60. Outubro, Novembro, Dezembro, não busques o pão no mar.	Delicado 1923: 83.
	61. Pescador de cana, mais come, do que ganha: mas quando a dita corre mais ganha do que come.	Delicado 1923: 107. Bluteau 6, 1720: 461.
	62. Quem pesca hum peixe, pescador é.	Delicado 1923: 228. Bluteau 6, 1720: 462.
	63. Quem quer pescar, há de se molhar.	Delicado 1923: 228.

Nb:

- a itálico os provérbios que só estão presentes em Rafael Bluteau;
- a negrito os que só estão presentes em António Delicado;
- foi atualizada a grafia.

Referências Bibliográficas

Fontes

- Baptista, Fr. J. (1588), *Calendario romano perpetuo com as mais cousas q[ue] na volta desta folha se verão*. [s.l.]: António Ribeiro.
- Bíblia Sagrada. Edição da Palavra Viva, Traduzida das Línguas Originais com um Critico de Todas as Fontes Antigas pelos Missionários Capuchinhos de Lisboa* (1974). São Paulo: Stampley Publicações.

- Bluteau, R. (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e Latino* [...]. I, Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus.
- Cardoso, J. (1613), *Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum* [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck
- Delicado, A. (1923), *Adagios Portuguezes reduzidos a lugares communs*, nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves. Lisboa: Universal.
- Leão, D. N. do (2002), *Descrição do Reino de Portugal*, transcrição do texto, notas, aparato crítico e biografia do autor por Orlando Gama. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Machado, J. P. (1998), *O Grande Livro dos Provérbios*. Lisboa: Notícias.
- Oliveira, Fr. N. de O (1991), *Livro das Grandezas de Lisboa*, prefácio de Francisco Santana. Lisboa: Vega.
- Rodrigues, D. (2017), *Arte de Cozinha*, introdução e estudo de Isabel Drumond Braga, in *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Silva, A. M. (1813), *Diccionario da Lingua Portugueza* [...], II. Lisboa: Tipografia Lacerdina.

Estudos

- Barrocas, A. J. de B. C. (1988), “Mulher Formosa e Mulher Feia: a Imagem da Mulher no Discurso Proverbial. O Discurso Proverbial como Discurso do Poder.”, in *Arqueologia do Estado*”, vol. 2, Lisboa: História e Crítica, 995-1009.
- Braga, I. M. R. M. D. (2002), “Castela e os Castelhanos nos Provérbios Portuguezes”, in *Cooperação e Conflito. Portugal, Castela e Aragão (séculos XV-XVII)*. Lisboa: Universitária Editora, 261-271.
- Braga, I. M. R. M. D. (2005), “D. Rafael Bluteau na Corte Portuguesa (1668-1734)”, in *Cultura, Religião e Quotidiano. Portugal (século XVIII)*. Lisboa: Hugin Editores, 7-82.
- Braga, I. M. R. M. D. (2015), “Carne e Peixe: uma hierarquia de consumos alimentares”, in I. D. Braga e P. D. Braga (dir), *Animais e Companhia na História de Portugal*, 35-85.
- Braga, I. M. R. M. D. (2017), “Domingos Rodrigues e a *Arte de Cozinha*: uma vida pouco conhecida, uma obra muito usada”, in *Arte de Cozinha*, Lisboa: Círculo de Leitores, 7-48.
- Braga, I. M. R. M. D., Mourão, M. E. (2015), “Género e Discurso Proverbial no Portugal Moderno”, *Faces de Eva* 33: 83-102
- Braga, T. (1914), “Adagiário Português, coligido das fontes escritas”, *Revista Lusitana*, XVIII, 3-4: 225-274.

- Chacoto, L. (2011), “Semelhanças e diferenças dos provérbios meteorológicos no espaço lusófono”, in G. Gil, J. Enrique et al (dir.), *I Proverbi Meteorologici: ai confini dell’Europa Romanza*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 1-14.
- Chacoto, L. (2013), “Muita parra, pouca uva: da vinha e do vinho nos provérbios portugueses”. *Paremia* 22: 149-160.
- Chacoto, L. (2014), “A Dieta Mediterrânica nos Provérbios Portugueses”. *Paremia* 23: 163-174.
- Costa, H. (1987), “La Réprésentation du Corps dans la Littérature Populaire Portugaise: Le Discours Proverbial”, in *Littérature Orale Traditionnelle Populaire. Actes du Colloque*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkain, 561-576.
- Funk, G. (2000), “O Provérbio como Ponte entre diferentes Culturas”, in H. Siepmann (org.), *Portugal, Indien und Deutschland. Portugal, Índia e Alemanha. Akten der V. Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche. Actas do V Encontro Luso-Alemão*. Köln: Zentrum Portugiesischsprachige Welt. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 345-353.
- Ghitecu, M. (1991), “Os Provérbios. Traço de União entre Irmãos”, *Nós. Revista de Lusofonia*. 19-20: 357-360.
- Lopes, A. C. M. (1992), *Texto Proverbial Português. Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Maciel, M. J. (1999), *Imagens de Mulheres. Estudo das Representações Femininas nos Provérbios Açorianos e nos Contos de Dinis da Luz*. Lajes do Pico: Câmara Municipal das Lajes do Pico.
- Mattoso, J. (1987), *O Essencial sobre os Provérbios Medievais Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Montanari, M. (2012), *Gusti del Medioevo: I Prodotti, la Cucina, la Tavola*. Roma: Bari, Laterza.
- Russo, M. (2015), “‘Maio frio e junho quente, bom pão, vinho e valente’: un percorso paremiológico alimentare portoghese”, in E. de Luca (dir.), *Parla como mangi: língua portoghese e cibo in contesto interculturale*, Viterbo: Sette Città, 121-146.
- Schmidt-Radefeldt, J. (1984), “Descrição Semântica e Funções Semanfóricas do Provérbio”, in J. Schmidt-Radefeldt e J. G. H. de Carvalho (orgs.), *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 201-223.
- Vasconcelos, C. M. (1986), “Mil provérbios portugueses”, *Revista Lusitana*, 7: 20-30.
- Viana, M. (1993), “A Vinha e o Vinho nos Provérbios e na Cultura Popular”. *Revista da Biblioteca Nacional*, 8.1: 7-22

(Página deixada propositadamente em branco)